

## Desafios estruturais das construções com verbo leve ‘dar’ diminutivas: Revisitando Scher (2004), Medeiros (2008, 2010) e Alves (2016, 2022)

### *Structural challenges of diminutive light verb ‘dar’ constructions: Revisiting Scher (2004), Medeiros (2008, 2010) and Alves (2016, 2022)*

Vinícius Vieira Cabral\*

Universidade de São Paulo

Ana Paula Scher\*\*

Universidade de São Paulo

**Resumo:** Este artigo analisa as construções com verbo leve (CVLs) ‘dar’ no português brasileiro que apresentam efeito diminutivo (e.g., “dar uma olhada”). Sob a perspectiva da Morfologia Distribuída, o trabalho revisa criticamente as propostas de Scher (2004), Medeiros (2008) e Alves (2016, 2022), argumentando que a formalização da diminutivização e seus limites estruturais ainda carecem de explicação plena no modelo. Visando sanar parte desse problema, propõe-se uma nova estrutura para as nominalizações em ‘-da’, argumentando que elas não possuem natureza participial, visto que rejeitam a sua alomorfa irregular (e.g., “dar uma abrida/\*aberta”). A análise passa também pela demonstração de que o efeito diminutivo não parece inerente a essas nominalizações, mas, na verdade, indica ser dependente do estabelecimento da CVL com ‘dar’. Adicionalmente, contesta-se a necessidade do artigo indefinido para a leitura diminutiva, evidenciando que o efeito persiste mesmo com determinantes definidos. A partir disso, por fim, conclui-se da revisão da literatura que a produção da diminutivização deve depender da interação entre o verbo leve e seu nome complemento, indicando a necessidade de abordagens que integrem esses elementos, a fim de captar a abrangência e as restrições dessas construções com interpretação diminutiva.

**Palavras-chave:** Construção diminutiva. Diminutivização. Construção com verbo leve. Nominalização. Morfologia Distribuída.

**Abstract:** This paper analyzes light verb constructions (LVCs) with ‘dar’ (‘give’) in Brazilian Portuguese that display a diminutive effect (e.g., “dar uma olhada” ‘to have a look’). Within the framework of Distributed Morphology, this work critically reviews the proposals in Scher (2004), Medeiros (2008), and Alves (2016, 2022), arguing that the formalization of diminutivization and its structural limits still lack a full explanation. To address part of this issue, a new structure for the ‘-da’ nominalizations is proposed, arguing that they do not have participial nature, given that they reject its irregular allomorphy (e.g., “dar uma abrida/\*aberta”). The analysis also demonstrates that the diminutive effect does not appear to be inherent to these nominalizations but rather seems to depend on the establishment of the LVC with ‘dar’. Additionally, the requirement of the indefinite article for the diminutive reading is contested, showing that the effect persists even with definite determiners. Finally, the study concludes from the literature review that the

FLP 27(2)

\*Mestrando em Linguística (bolsa Fapesp, processo n. 2025/20494-5), Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; email: [vinicius\\_v\\_cabral@usp.br](mailto:vinicius_v_cabral@usp.br); ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0814-2791>

\*\*Doutora em Linguística, Professora Sênior, Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; Professora Visitante do Departamento de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG; Bolsista de Produtividade em Pesquisa - PQ - 2, processo 310257/2023-9.; [anascher@usp.br](mailto:anascher@usp.br); [ana.scher@ufff.br](mailto:ana.scher@ufff.br); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2105-7888>

production of diminutivization must depend on the interaction between the light verb and its complement noun, indicating the need for approaches that integrate these elements to capture the scope and restrictions of these constructions with a diminutive interpretation.

**Keywords:** Diminutive construction. Diminutivization. Light verb construction. Nominalization. Distributed Morphology.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo aborda as construções com o verbo leve (CVLs) ‘dar’ do português brasileiro que têm efeito diminutivo, isto é, que denotam um “evento realizado de forma breve, incompleta, descuidada” (Alves, 2022, p. 106). Essa diminutivização se depreende do contraste entre construções verbais como (1), não diminutiva, e (2), uma CVL com ‘dar’ diminutiva.

- (1) Vou **ler o texto** hoje à tarde.
- (2) Vou **dar uma lida no texto** hoje à tarde.

Pesquisas anteriores já se ocuparam dessas construções e desse efeito (*cf.* Scher, 2004; Medeiros, 2008; Alves, 2016, 2022); no entanto, no que se refere ao seu tratamento no modelo gerativista da Morfologia Distribuída (MD), o teste das propostas com novos dados dessas CVLs (colhidos da internet e da intuição de falantes nativos) comprova que quesitos fundamentais a seu respeito ainda não receberam explicação adequada. Assim, por exemplo, ainda é necessário explicar por que, mesmo sendo tomadas na literatura como derivadas de participípios, as nominalizações dessas CVLs são compulsoriamente regulares, sendo sistematicamente formadas com o sufixo ‘-da’ e rejeitando a alomorfa irregular do participípio. Para além disso, também merece destaque a observação de que o fator que as particulariza, concernente à produção do efeito diminutivo, até então não foi esclarecido nem formalizado em toda a sua extensão e nos seus limites.

A fim de discutir propostas prévias com relação a esse efeito, na seção 2 são apresentadas as características básicas da CVL com ‘dar’. Na seção seguinte, são apresentadas e discutidas quatro propostas na MD para essas construções (Scher, 2004; Medeiros, 2008; Alves, 2016, 2022), e então se apresenta uma proposta alternativa, especificamente acerca dos nomes complemento dessas construções. A seção 4 faz o saldo da revisão da literatura, organizando os fatores que novas propostas para as CVLs com ‘dar’ precisam ter em consideração. A seção 5 traz as conclusões acerca dessa revisão.

## 2 As CVLs DIMINUTIVAS

As construções desse tipo são produtivas (Alves, 2022, p. 38), sobretudo as que tomam por complemento nominalizações deverbais em ‘-da’, como em (3) e (4), mas também são possíveis com outros tipos de nomes (como ‘queda’, ‘volta’, ‘ajuda’, ‘fortalecimento’ *etc.*), *cf.* (5); todas apresentando o referido efeito.

FLP 27(2)

- (3) Resolvi **dar uma stalkeada** no perfil dela<sup>1</sup>.
- (4) Galera, vou **dar uma streamada** à tarde<sup>2</sup>.
- (5) A qualidade dos últimos episódios **deu uma queda**.

As CVLs diminutivas com tal produtividade são uma particularidade do português brasileiro (PB) com relação ao europeu, conforme relata Brito (2017, p. 119)<sup>3</sup>. Ademais, constatou-se que tais construções são relativamente recentes na língua, com dados raros e contestáveis até o fim do século XIX (Davel, 2019, p. 112-113), mas tendo uma expansão intensa em termos de *types* e *tokens* nos séculos XX e sobretudo XXI (Davel, 2019, p. 113-114). Além disso, aparecem qualificadas como próprias do registro **informal** (Basílio, 2001, p. 159 *apud* Davel, 2009, p. 55) e, ao mesmo tempo, demonstram desempenhar um papel particular nas relações interpessoais, sendo consideradas como um “recurso modalizador da linguagem” por Davel (2009, p. 159), em razão, justamente, do seu efeito diminutivo. Esse é o quadro que estabelece as CVLs diminutivas no contexto geral da língua.

Não é óbvio, porém, o que estruturalmente está por trás dessas propriedades e gera o efeito diminutivo que caracteriza o uso dessa CVL. Os desafios dessa explicação surgem a partir de dados como os de (6) a (8), os quais sugerem que o efeito diminutivo se priva a determinada conformação estrutural a partir do verbo leve (‘dar’), do nome complemento (frequentemente uma nominalização deverbal em ‘-da’) e do determinante do nome complemento (o artigo indefinido ‘uma’), visto que certas variações nesses elementos parecem capazes de suprimir tal efeito nas sentenças (b) dos exemplos abaixo:

FLP 27(2)

- (6) a. Eu **dei uma corrida** hoje de manhã.  
b. Eu **fiz uma corrida** hoje de manhã.
- (7) a. Eles **deram uma beijada**.  
b. Eles **deram um beijo**.
- (8) a. Ela estava com fome, daí ela **deu uma mordida** no lanche.  
b. Ela estava com fome, daí ela **deu a mordida** no lanche.

Ou seja, a relação de toda a CVL, envolvendo o verbo ‘dar’, o determinante e a nominalização, parece responsável por garantir o efeito diminutivo. Além disso, no mesmo sentido, parece haver algo de particular em cada um dos elementos das CVLs diminutivas (verbo, nome complemento e determinante) que estabelece um contraste com os elementos em foco nas sentenças (b), que não exibem a leitura diminutiva. As explicações quanto ao fator a que se deve essa particularidade dos elementos das CVLs

<sup>1</sup> Adaptado de: <https://x.com/jvexte/status/1891593503022473423>.

<sup>2</sup> Adaptado de: GANOSKY. Galera com esse fim [...]. X: @bbbronos. 14 jun. 2021. <https://x.com/bbbronos/status/1404426747253248006>.

<sup>3</sup> A comparação entre as duas línguas não é relevante para o escopo deste artigo, de maneira que não será explorada aqui.

diminutivas variam na literatura, visando captar essas impressões iniciais. Isso será explorado na revisão apresentada na próxima seção.

Antes disso, porém, cabe uma breve introdução acerca do modelo da MD, e da sua correlação com a análise desses dados. O modelo tem o seu mecanismo derivacional articulado em torno de três propriedades centrais: “inserção tardia de material fonológico, subespecificação de itens de vocabulário e estrutura sintática por toda a derivação” (Scher; Bassani; Armelin, 2023, p. 56).

A estrutura sintática por toda a derivação faz da MD um modelo não lexicalista. Ou seja, a sintaxe é tomada como o único componente gerativo da gramática, de modo que a formação de palavras é, operacionalmente, igual à de constituintes maiores<sup>4</sup>. O interesse particular dessa abordagem no caso das CVLs é que ela permite um tratamento unificado tanto para a estruturação do nome complemento, na sua complexidade (no caso das nominalizações em ‘-da’, envolvendo uma fase verbal que, em seguida, é nominalizada), quanto para a estruturação da CVL como um todo (nas relações sintáticas estabelecidas entre o verbo ‘dar’ e seus argumentos).

Já a inserção tardia diz respeito à sintaxe operar apenas com categorias abstratas, preenchidas tardiamente com seus expoentes fonológicos<sup>5</sup>. Esse preenchimento é feito com base em itens de vocabulário, regras de inserção, que relacionam propriedades fonológicas a propriedades morfossintáticas e que podem ser subespecificadas. Desse modo, por exemplo, a mesma forma participial irregular ‘abert-’ pode ocorrer tanto nos tempos compostos (“tinha aberto”) quanto nas passivas (“foi aberto”), apesar das particularidades estruturais de cada um deles, desde que esteja especificada apenas para um elemento mais geral, comum entre esses dois contextos de participípio (que seria o elemento que define propriamente ambos como participípios — na proposta de Medeiros (2008), apresentada mais à frente, trata-se de um núcleo I não imediatamente c-comandado por C).

Sobretudo, a abordagem da MD é gerativista, ou seja, preocupada com a investigação da competência linguística humana, e opera essa investigação teórica formalmente. Assumindo-se esse empreendimento, a revisão realizada a seguir visa explorar o nível de descrição e formalização efeito diminutivo nas CVLs com ‘dar’.

### 3 REVISITANDO AS PROPOSTAS

Ao que consta, há quatro propostas na MD para tais CVLs: a de Scher (2004), a de Medeiros (2008) e as de Alves (2016, 2022). Cada uma delas será revisada a seguir, destacando-se seus resultados com relação às CVLs diminutivas.

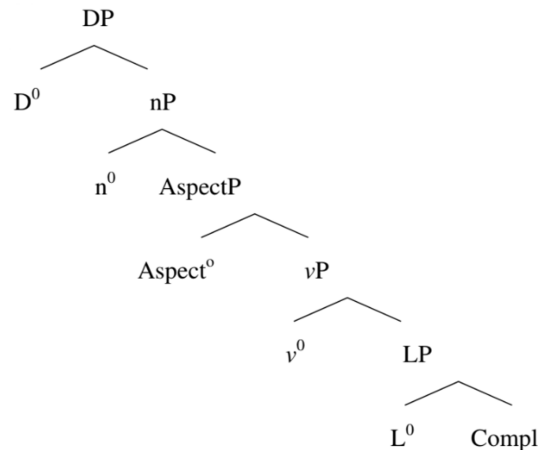
<sup>4</sup>Além disso, essa abordagem tem vantagens explicativas sobre os modelos lexicalistas, conforme apresentado por Bruening (2018).

<sup>5</sup>Essa abordagem também tem vantagens explicativas, conforme apresentado por Hein e Weisser (2023), particularmente nos casos de sincretismo, tratados a seguir com os participípios.

### 3.1 A proposta de Scher (2004)

Scher (2004, p. 180) apresenta a estrutura em (9) para as nominalizações em ‘-da’ das CVLs com ‘dar’:

(9)



Em  $L^0$  entra a raiz, a qual pode ou não selecionar um complemento, conforme suas propriedades intrínsecas de seleção. Essa raiz é verbalizada por  $v^0$ , que também atribui a interpretação de processo presente nas nominalizações. Já em AspectP se estabelece o efeito de diminutivização, que se atribui ao nome, e nos modificadores aspectuais diminutivadores desse núcleo realiza-se o sufixo diminutivo ‘-inha’, por vezes presente nessas CVLs (como em “dar uma olhadinha”). Ou seja, Scher (2004) considera que o efeito de diminutivização de eventos presente nessas construções se deve a alterações operadas sobre os traços aspectuais dos verbos nominalizados. De acordo com sua hipótese, traços de aspecto lexical tais como de estaticidade ou telicidade intrínseca<sup>6</sup>, presentes em verbos como ‘morrer’, ‘ver’ *etc.*, por sua natureza, não podem ser diminutivizados. Desse modo, nominalizações em ‘-da’ não se formam a partir desses verbos, impedindo, assim, a ocorrência de CVLs tais como “\*dar uma morrida” ou “\*dar uma vida”<sup>7</sup>. Finalmente, na estrutura proposta pela autora, nP cria a nominalização e o DP domina todo esse conjunto.

Acima, dominando o DP, entra um de dois possíveis verbos leves ‘dar’. Há um que “significa BECOME/HAPPEN, que não projeta Spec e que seleciona apenas um predicado eventivo [— no caso, a nominalização em ‘-da’] que pode ser inacusativ[a] ou do tipo que não projeta argumentos” (Scher, 2004, p. 207-208). Já o outro é o “que

<sup>6</sup>A autora adota a proposta de traços aspectuais de Smith (1991 *apud* Scher, 2004). Contudo, sugere um conceito específico de “telicidade intrínseca”, a partir da observação de uma subdivisão na categoria dos eventos télicos em dois tipos: aqueles cuja telicidade não é intrínseca e que podem ser expressos por uma CVL com ‘dar’, e aqueles que são intrinsecamente télicos (compreendem a “noção de completude irreversível de uma eventualidade”, Scher, 2005, p. 32) e que não podem ser expressos por esse tipo de CVL.

<sup>7</sup>Não derivariam essas nominalizações mantendo exatamente os seus traços aspectuais canônicos, ao menos. Com outros significados que apresentam outros traços licenciados, como em “o carro morreu”, a CVL é possível e de fato ocorre (“o carro deu uma morrida”).

significa DO/CAUSE, que projeta um Spec e também seleciona um predicado eventivo [...] que pode ser inergativo ou transitivo” (Scher, 2004, p. 207). Essa proposta se justifica visando dar conta de alternâncias nas relações argumentais estabelecidas nessas CVLs, por exemplo entre “o papel deu uma amarelada” e “o fogo deu uma amarelada no papel”. Essa observação é importante para a descrição do comportamento do verbo leve nessas construções, de modo que será retomada na síntese final acerca das características dessas CVLs, na seção 4.

### 3.1.1 Questões à proposta de Scher (2004)

Medeiros (2008) analisa a proposta de Scher (2004) e levanta questões a seu respeito. A primeira aqui apresentada é referente à relativização que essas construções são capazes de sofrer, como em (10):

(10) (Medeiros, 2008, p. 225)

Já pensou, se ganharmos, **a varrida** que vamos dar nesse Estado?

Na proposta de Scher (2004), a nominalização em ‘-da’ forma um constituinte primeiramente com o seu próprio complemento (*e.g.*, “varrida nesse Estado”) e só após com o seu determinante. O que se observa em (10), porém, é que parece ter havido um deslocamento do DP sem o suposto complemento, o que não é licenciado pela estrutura proposta pela autora (*cf.* (9)), enquanto deveria ser.

Medeiros (2008) ainda problematiza o diminutivo na proposta de Scher (2004), questionando como a realização do núcleo aspectual poderia variar entre os Itens de Vocabulário (IVs) com as fonologias  $\emptyset$  e /inha/, uma vez que isso não parece possível com a proposta padrão para IVs. Além disso, o autor considera que a realização do sufixo, na verdade, acaba levando a uma diferença de interpretação (ou seja, que /inha/ é um morfema independente, acrescentado à nominalização), trazendo uma diminuição ainda maior, como em (11):

(11) As ações da empresa não **deram uma caída**, elas só **deram uma caidinha**.

Sobretudo para o trabalho de Medeiros (2008), tendo-se em conta seu objetivo de unir a análise de tipos sintaticamente diferentes das formas consideradas participiais no PB (tempos compostos, passivas, nominalizações em ‘-da’ *etc.*), a realização do IV participial regular ‘-d-’ no núcleo nominalizador é dificilmente generalizável para uma análise que integre esses diferentes tipos de formas. Assim, o autor buscará outra proposta, apresentada na seção seguinte.

Além das críticas levantadas por Medeiros (2008), há ainda questões específicas a respeito da proposta da autora para a produção do efeito diminutivo. Scher (2004, p. 105) observava que o efeito dependia tanto da nominalização quanto do verbo leve ‘dar’. Entretanto, o papel específico do verbo leve na diminutivização não fica suficientemente esclarecido para além da necessidade da sua presença (*cf.* Scher, 2004, p. 104-105). Já a proposta para a nominalização é mais determinada, havendo uma projeção aspectual, interior à subestrutura verbal, onde se estabeleceria a parte do efeito que caberia ao nome (Scher, 2004, p. 181). Essa diminutivização interna servia também para a previsão de que

FLP 27(2)

a gramática não forma CVLs com nominalizações derivadas de verbos que portam traços de estaticidade e telicidade intrínseca, incapazes de sofrer a referida diminutivização, previsão que repercutiu na literatura subsequente (*cf.* Liz, 2007; Davel, 2009; Alves, 2016).

Entretanto, em desfavor da proposta de Scher (2004), deve-se observar que nominalizações em ‘-da’ ocorrem também fora do contexto da CVL, sendo possível constatar que elas não trazem o efeito diminutivo em si em tais ocorrências, como em (12):

- (12) É uma **virada** de chave fundamental que a gente tem pra poder reinterpretar as coisas aqui<sup>8</sup>.

Ou seja, esse efeito não se mostra inerente a elas. Isso indica que a diminutivização necessita ser gerada especificamente na CVL e, preferencialmente, a partir de nós mais altos que nP.

Além disso, a restrição aspectual de Scher (2004) para a base das construções sofre com algumas exceções, apesar do bom alcance que tem. Encontraram-se CVLs com verbos considerados estáticos (13) e também intrinsecamente télicos (14) cujas ocorrências não causam estranhamento:

- (13) Naquele tempo, a gente **deu uma acreditada** na estabilidade da democracia<sup>9</sup>.

- (14) Já **deu uma percebida** no teu corpo hoje?<sup>10</sup>

Assim, com relação à formalização do quesito que particulariza essas CVLs (de como ocorre a produção do efeito diminutivo), necessita-se de uma análise diversa.

### 3.2 A proposta de Medeiros (2008, 2010)

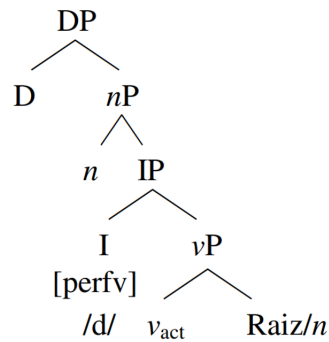
Medeiros se inspira no trabalho de Ippolito (1999 *apud* Medeiros, 2008) para as formações participiais do italiano, adaptando-o ao PB. O resultado é a seguinte estrutura para as nominalizações, em (15) (Medeiros, 2008, p. 215):

<sup>8</sup>Fonte: IAMARINO, A. **O Brasil antes de Cabral**. Youtube, 18 de abr. de 2025. Vídeo (84 min.). Disponível em: <https://youtu.be/hsMcUjzuSs?si=bfu7DTX0bxSzhu&t=4413>.

<sup>9</sup>Adaptado de: GOMES, L. **Adão Villaverde: ‘Estamos vivendo um período de histerias regressivas e obsessões obscurantistas’**. Sul 21, Porto Alegre, 7 de jan. 2019. Disponível em: [https://sul21.com.br/entrevistasz\\_areazero/2019/01/adao-villaverde-estamos-vivendo-um-periodo-de-histerias-regressivas-e-obsessoes-obscurantistas/](https://sul21.com.br/entrevistasz_areazero/2019/01/adao-villaverde-estamos-vivendo-um-periodo-de-histerias-regressivas-e-obsessoes-obscurantistas/).

<sup>10</sup>Fonte: GERÂNIO. **O corpo é a nossa grande encruzilhada [...]**. Facebook, 24 de ago. 2023. Disponível em: [https://www.facebook.com/story.php/?story\\_fbid=1005510507498297&id=100041180725090](https://www.facebook.com/story.php/?story_fbid=1005510507498297&id=100041180725090).

(15)



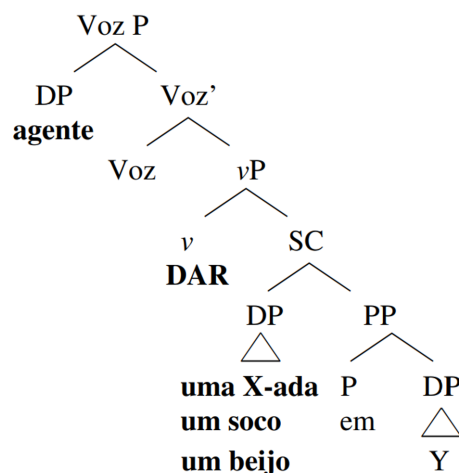
Com base em Marantz (2006/2007 *apud* Medeiros, 2008), o autor afirma que o verbalizador da estrutura é eventivo e introduz uma atividade. Em razão disso, qualquer raiz que se envolva nessa nominalização será interpretada como uma atividade, inclusive raízes de verbos que costumam denotar estados, como seria o caso em “dar uma admirada na paisagem”. Para certas raízes, porém, essa interpretação não estaria disponível, o que, portanto, impediria a formação das CVLs com tais nominalizações (caso do verbo *estar*, por exemplo: “\*dar uma estada”).

Continuando a estrutura, há um núcleo I aspectual, que porta o traço [PERFECTIVO] (*cf.* Klein, 1992 *apud* Medeiros, 2008). O fato de esse núcleo não ser imediatamente c-comandado pelo complementizador C, na proposta de Medeiros, faria então com que se inserisse nele o item de vocabulário participial /d/. Esse processo é padronizado pelo autor para as outras formas participiais (tempos compostos, passivas *etc.*) com base em Ippolito (1999 *apud* Medeiros, 2008). Desse modo, unificam-se todas as estruturas participiais.

FLP 27(2)

Já com respeito à interpretação diminutiva, ela não tem relação com o núcleo I aspectual (contra Scher, 2004), e dependerá apenas do que está acima do DP, ou seja, acima da estrutura da nominalização, conforme apresentado em (16) (Medeiros, 2008, p. 220):

(16)



O autor separa na estrutura a nominalização daquilo que por Scher (2004) havia sido considerado seu complemento, estabelecendo entre os dois uma relação de SC. Desse modo, em primeiro lugar, acaba licenciado o movimento de relativização apresentado em (10), deslocando o DP independentemente do PP. Sobretudo, por não se tratar de uma relação verbo-complemento, a interpretação dada a partir da SC seria a de que a ação da nominalização se realiza “sobre a superfície do PP”, de maneira que não o engloba totalmente (*i.e.*, assim como há um contraste entre pintar a parede — relação verbo-objeto — e pintar na parede — ação sobre a superfície). A interpretação diminutiva característica dessas CVLs, portanto, resultaria dessa relação particular da SC.

O autor aponta, porém, que existem verbos que não seguem a estrutura em (16). São aqueles verbos chamados de ‘transitivos indiretos’ (caso de “telefonar (para)”, “ir (a/em)”, “conversar (com)” *etc.*), os quais aparecem nessas CVLs com suas preposições específicas (*cf.* (17) e (18)).

(17) Preciso **dar uma telefonada** *para* a minha avó.

(18) Gostei muito de **dar uma conversada** *com* ele.

Medeiros (2008) considera que, somente nesses casos, tem-se uma relação de verbo e complemento, assim como proposto por Scher (2004), interna ao DP. O fato de as preposições serem as mesmas que inserem esses argumentos internos nos verbos plenos seria uma evidência para essa relação. Outro embasamento para essa diferença seriam as relativizações dessas CVLs, que isolam tais nominalizações de seus complementos, e são consideradas degradadas (Medeiros, 2008, p. 226).

FLP 27(2)

### 3.2.1 Questões à proposta de Medeiros (2008, 2010)

A consideração do autor de que existem DPs que não entram em SC com o PP contradiz a possibilidade de que a relação de *small clause* seja responsável pela produção do efeito diminutivo, uma vez que as CVLs com os verbos intransitivos (*cf.* (17) e (18)) ainda apresentam a diminutivização.

Entretanto, essa contradição poderia ser resolvida ao se observar que o movimento de relativização em CVLs com nominalizações de verbos transitivos indiretos na verdade não soa degradada em exemplos como (19) e (20), abaixo. Ou seja, sendo licenciado esse movimento, o PP não pode ser interno ao DP da nominalização, mesmo que pareça selecionado por ela.

(19) **A telefonada que eu dei** para ele não rendeu muito.

(20) **A conversada que eu dei** com ele foi importante.

Seja qual for a solução para esse caso específico, com relação à proposta de Medeiros (2008) para o efeito diminutivo, é um fato que nem todas as CVLs têm ou exigem um PP. Verbos como ‘chover’, que não selecionam complementos, podem aparecer sem o sintagma preposicional e, nada obstante, apresentam a diminutivização, como em (21).

Ou seja, a relação de SC não deve ser a responsável pelo efeito diminutivo.

(21) **Deu uma chovida** ontem.

Finalmente, mesmo se o efeito fosse devido à SC, Medeiros (2008) propõe que a estrutura de construções como dar uma beijada nele seria a mesma de outras como dar um beijo nele no que se refere à SC (*cf.* (16)). Porém, apresentou-se em (7) que essas sentenças contrastam com relação à presença/ausência do efeito. Ou seja, os limites da diminutivização não são suficientemente restritos somente a partir dessa relação e, no mínimo, seriam necessárias considerações específicas acerca da diferença estrutural entre os nomes beijada e beijo (essa diferença é abordada na seção 3.5, a seguir). Novamente, outra solução é necessária.

Outro impasse para a proposta do autor é que ela se baseia no entendimento de que as nominalizações em ‘-da’ têm “indiscutível relação com o particípio passado dos verbos de base” (Medeiros, 2010, p. 110). Como evidência dessa relação, Medeiros (2010, p. 109) apresenta a ocorrência de três formas participiais irregulares nessas construções (‘vista’, ‘vinda’ e ‘escrita’, como em “você pode dar uma vinda aqui na frente?”). A respeito dos demais verbos considerados irregulares, porém, não são feitos comentários.

O problema é que o padrão geral de comportamento que se observa para essas nominalizações é de rejeição às formas participiais irregulares e preferência por uma derivação regular em ‘-da’, mesmo resultando em formações estigmatizadas normativamente. Por exemplo, as gramáticas de Said Ali (1960), Lima (1992) e Cunha e Cintra (2001) prescrevem para os verbos ‘abrir’ e ‘cobrir’ apenas uma formação irregular nos contextos participiais (‘aberto’ e ‘coberto’). De fato, essa formação é possível nos contextos tradicionais de particípio, *i.e.*, em tempos compostos (22) e em passivas (23).

FLP 27(2)

- (22) a. Eu **tinha aberto** a porta.  
b. Eu **tinha coberto** o bebê.

- (23) a. A porta **foi aberta**.  
b. O bebê **foi coberto**.

Ademais, a irregularidade dessas formas serve como um claro indicador da existência de uma relação entre esses dois tipos de construção, já que o mesmo item de vocabulário irregular aparece nesses dois contextos diferentes, porém relacionáveis pela morfossintaxe (de um núcleo I não imediatamente c-comandado por um C, conforme a proposta de Medeiros, 2008). Dessa maneira, tais alomorfes se mostram restritos a esses dois contextos, portanto, participiais. Porém, no contexto das CVLs com ‘dar’, em (24) e (25), as formas irregulares não são aceitas.

(24) Você pode **dar uma abridinha**/\***abertinha** na porta, por favor?

(25) Ele **deu uma cobrida**/\***coberta** no nenê.

Uma vez que essa alomorfia não ocorre nas CVLs e que, nelas, mesmo verbos

tradicionalmente considerados irregulares no particípio exibem formas regulares, há evidências para defender que esse tipo de derivação nominal, na verdade, não tem relação com participios, pois ela não se comporta morfofonologicamente como um particípio (*cf.* (24) e (25)). Assim, nesse caso, trataria-se de um sufixo nominalizador cuja forma fonológica é ‘-da’, meramente homófono à formação participial regular. Essa proposta será retomada na seção 3.5.

Entretanto, se esse é o caso, então é necessário justificar a ocorrência das três formas participiais irregulares nessas CVLs (‘vinda’, ‘vista’ e ‘escrita’), citadas por Medeiros (2010, p. 109). Nesse sentido, observa-se que essas únicas formas participiais irregulares de que se têm ocorrências são justo três formas ‘substantivadas’; ou seja, são formas que ocorrem livremente como nomes em sentenças do PB, como em (26). Esse status contrasta com o da maioria das outras formas participiais irregulares (*cf.* (27)), que, justamente, não são substantivadas, e as quais se demonstrou em (24) e (25) que não ocorrem nas CVLs.

(26) **A vinda** foi difícil.

(27) \***A aberta/coberta** foi difícil<sup>11</sup>.

Além disso, a possibilidade de CVLs diminutivas se realizarem com outros nomes além dos em ‘-da’ já foi constatada em (5), com ‘queda’, ‘volta’ *etc.*, o que prevê a possibilidade de que ‘vinda’ e afins, portanto, ocorram por processos similares.

### 3.3 A proposta de Alves (2016)

Alves (2016) traz uma proposta diferente no que se refere ao efeito diminutivo, estabelecendo que as relações entre traços aspectuais dos sufixos nominalizadores dos nomes complemento e os do verbo leve dar seriam responsáveis por produzir o efeito. Primeiramente, a interpretação das ações como diminutivizadas resultaria, essencialmente, da especificação de [+INSTANTÂNEO] do verbo leve dar nessas CVLs (que seriam interpretadas como mais breves e, portanto, diminutivizadas). Em contraste, as CVLs com fazer não teriam a mesma interpretação diminutiva em razão da sua especificação como [+DURATIVO]. Quanto aos nomes complemento dessas construções, a especificação aspectual poderia ser [-DURATIVA/+DIMINUTIVA] (como no caso das nominalizações em “-da”) ou mesmo [+DURATIVA] (no caso das em ‘-ção’ e ‘-mento’). A depender desses traços dos nomes, a diminutivização da CVL acabaria sendo, respectivamente, mais ou menos intensa. Finalmente, no que se refere a nomes como ‘beijo’, que levam a CVLs não diminutivas (“dar um beijo”), teriam essa ausência do efeito justificada pela estrutura do nome complemento em questão, que não portaria traço aspectual algum por ser um nome simples, sem fase verbal.

Assim, essa proposta capta pontos importantes das características das CVLs diminutivas, pois leva em consideração tanto o verbo da construção quanto o seu nome

<sup>11</sup>‘Coberta’ é um substantivo da língua, mas cuja interpretação não remete a nenhuma eventividade. É um nome para aquilo que se utiliza para se cobrir. Considera-se que tamanha distância interpretativa impeça seu uso aqui (contraste-se esse caso com a interpretação de ‘vinda’).

complemento, visando à produção do efeito diminutivo. Ademais, traz uma explicação para o contraste entre as construções com ‘dar’ (que levam ao efeito) e com ‘fazer’ (que não levam), por meio de uma diferença entre traços aspectuais.

### 3.3.1 Questões à proposta de Alves (2016)

As principais objeções à proposta de Alves (2016) remetem justamente à formalização sintática de tais traços e às suas consequências nas relações verbais. Isso porque, conforme o trabalho que embasa essa organização dos traços lexicais nos verbos leves (Duarte *et al.*, 2010), ‘dar’ leve não pode ser especificado como [+INSTANTÂNEO] pois não seria compatível com complementos portadores de traços contrastantes com esse, e há uma série de CVLs com nomes complemento durativos, tais como as CVLs citadas pela autora com nominalizações em ‘-ção’ e ‘-mento’. Alves (2016, p. 32) reconhece que o traço do verbo leve deve ser subespecificado a esse respeito, porém acaba por mudar a notação após, tomando como base, provavelmente, o traço [+instantâneo] do verbo ‘dar’ pleno (Alves, 2016, p. 107), o que cria esse problema.

Além disso, não foi demonstrado estruturalmente como funcionaria a proposta de o sufixo ‘-da’ envolver um traço aspectual. Isso provavelmente poderia ser feito por um núcleo *switch* (proposto por Panagiotidis (2015) e usado por Matos (2022) para dar conta de formações deverbais no PB) ou por alguma projeção de aspecto acima do verbo base (como em de Figueiredo *et al.*, 2013, que a autora toma por referência). Qualquer solução dessas, porém, vai na direção de considerar tais estruturas como participiais (*cf.* Medeiros, 2008; Matos, 2022), e isso implicaria que regras de inserção de vocabulário das formas participiais irregulares pudessem se aplicar nesse contexto — o que, entretanto, não se atesta. Esse é um dos principais indícios de que as nominalizações em ‘-da’ não envolvem nenhum núcleo de função aspectual em sua estrutura, de maneira que, na verdade, não são participiais, como proposto na seção 3.5, adiante. Ademais, a consideração de que as nominalizações em ‘-da’ são em si diminutivas no seu aspecto é adotada por Alves (2016) com base em Scher (2004), o que já foi contestado acima, em (12). Alves, no entanto, parece considerar o traço [+DIMINUTIVO] como equivalente a [-DURATIVO] (*cf.* Alves, 2016, p. 139, 143). De qualquer modo, retorna-se aos desafios de haver um núcleo aspectual na estrutura dessa nominalização.

FLP 27(2)

### 3.4 A proposta de Alves (2022)

Alves (2022) toma um caminho diferente de Alves (2016) e defende que a indefinição e inespecificidade do nome complemento são os condicionadores essenciais do efeito diminutivo. Isso se efetua na ausência de modificadores e na presença do artigo uma, de fato a conformação mais frequente das CVLs diminutivas com as quais se tem trabalhado neste artigo. A autora demonstra que as CVLs com dar podem ocorrer com outros determinantes, argumentando que, quando trazem algum traço de definição para a nominalização ou quando ela tem referencialidade (graças a modificadores), a construção perderia seu efeito diminutivo, como nos exemplos apresentados em (20), acima.

A respeito da restrição desse efeito às CVLs com ‘dar’, Alves (2022) observa que os verbos leves ‘dar’ e ‘fazer’ apresentam propriedades divergentes. Em resumo,

das construções feitas com o primeiro não se depreende nenhum resquício semântico relacionado ao verbo ‘dar’ pleno. Com ‘fazer’, porém, alguma carga semântica ainda parece estar presente. A partir dessas observações, a autora alcança a definição de ‘dar’, nessas construções, como um verbo leve verdadeiro, enquanto ‘fazer’ seria um verbo de ação vaga (Kearns, 2002 *apud* Alves, 2022).

Assim, outra vez, a autora traz uma proposta que relaciona o nível do nome com o nível da construção completa, retratando como o efeito depende do estabelecimento dessa CVL como um todo.

### 3.4.1 Questões à proposta de Alves (2022)

Contudo, também existem ressalvas com relação a essa proposta, pois a mera mudança do artigo (28-b) ou a presença de modificadores (28-c), que tornam referencial o nome (Alves, 2022, p. 76-77), na verdade não aparentam eliminar a diminutivização (diferentemente do que se observou na Seção 2). As interpretações de (28-a) a (28-c) se unem por um potencial diminutivo que falta completamente a (28-d).

- (28) Contexto: uma pessoa X pediu à pessoa Y que “desse uma polida” numa joia. Y o faz e avisa a pessoa X:
- a. Enfim, já que você pediu, eu **dei uma polida na joia**.
  - b. Enfim, já que você pediu, eu **dei a polida na joia**.
  - c. Eu **dei a polida que você pediu na joia**.
  - d. Enfim, já que você pediu, eu **poli a joia**.

Isso se reforça com dados dessas CVLs encontrados na internet, em (29) e (30), nos quais a interpretação diminutiva se mantém, apesar da mudança no determinante:

FLP 27(2)

- (29) Até dei uma pesquisada pra ver aí como eu vou tá cuidando dessas [mudas] queridas aí. [...] Mas por enquanto tá indo, elas tão aí na sombra, meio claro, entendeu? Eu **dei a pesquisada**, né, então eu sei mais ou menos como é que elas gostam aí<sup>12</sup>.
- (30) Eu encontrei essas informações sobre minha placa-mãe [...] Ela diz que não suporte Quadcore, então eu decidi trocar o processador para um E8600 Dual core [...] Como eu dei essa estudada e descobri que essa placa realmente não roda Quadcore, eu tive que trocar para um Dual Core E8600<sup>13</sup>.

O motivo para as sentenças de (28) a (30) divergirem daquilo que foi apresentado em (8), em que se contrastava “dar uma mordida” com “dar a mordida”, parece ser devido à situação em (8) ser mais complexa do que aparenta. Observa-se, primeiramente, que

<sup>12</sup>@tayna\_ferreirasilva. **Plantando mudas**. Instagram, [s.d.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DPKmA09Eacr>.

<sup>13</sup>LEOBISGUI. **Computador antigo com plataforma LGA 775 rodará LoL e Valorant com upgrades?** Clube do Hardware, [s.l.], 23 de ago. 2021. Disponível em: <https://www.clubedohardware.com.br/forums/topic/1559231-computador-antigo-com-plataforma-lga-775-rodar%C3%A1-lol-e-valorant-com-upgrades>.

essa variação de (8) parece mais restrita, pois os exemplos de CVLs não diminutivas com artigos definidos e nominalizações em ‘-da’ que fundamentaram tal análise de Alves (2022) restringem-se a somente quatro ocorrências, das quais duas são com a nominalização ‘encarada’ e duas são com “mordida”. Já as alternâncias em (28)-(30) indicam ser possíveis em uma série de CVLs, uma vez supridas as exigências referenciais. Assim, a alternância em (8) não parece devida ao artigo, mas sim ao nome, o que fica para pesquisas futuras<sup>14</sup>.

Finalmente, retornando à proposta de Alves (2022), destaca-se que a elaboração da autora não justifica como o efeito diminutivo não ocorre com todas as CVLs com ‘dar’. Seria necessário o contraste com outras construções semelhantes estruturalmente, como, por exemplo, ‘dar uma cadeirada’, que não apresentam diminutivização, mas envolvem um verbo leve ‘dar’, um artigo indefinido e, além disso, uma nominalização em ‘-da’ que, inclusive, passa por uma fase verbal nas propostas de Scher (2004) e Medeiros (2008).

### 3.5 Uma nova proposta para as nominalizações em ‘-da’: Cabral (2025)

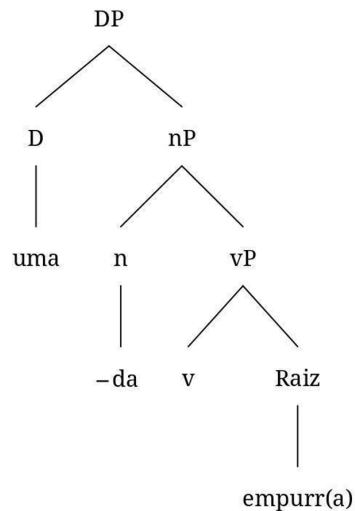
A partir das questões apresentadas acima a respeito dos nomes complemento dessas CVLs, sobretudo nas seções 3.1, 3.2 e 3.3, Cabral (2025) desenvolve uma proposta que embasa parte das observações deste artigo.

O trabalho também tomou como arcabouço teórico o modelo da MD, e analisou o estatuto participial dessas nominalizações. Nesse sentido, partiu-se da consideração de que tanto a forma participial irregular quanto a regular teriam a mesma estrutura sintática, a diferença entre elas seria apenas superficial. Nesse ponto, cabe observar que há casos como o do verbo ‘morrer’, que estabelecem algo que indica ser uma distribuição complementar (‘morto’ nas passivas e ‘morrido’ nos tempos compostos), de maneira que a inserção de vocabulário se guiaria pelo contexto específico dos tipos de participípio (passivas ou tempos compostos). Nada obstante, há verbos para os quais a situação parece ser mais de variação livre (como ‘imprimir’, que aceita, nos tempos compostos e nas passivas, tanto a forma regular quanto a irregular, ‘imprimido’ e ‘impresso’, respectivamente), de modo que as formas regulares e irregulares são subespecificadas para os contextos participiais específicos, e especificadas para o elemento participial comum (I não dominado por C, segundo Medeiros (2008)). O caso é semelhante, a esse respeito, para os verbos que só derivam formas irregulares, como ‘recompor’ (‘recomposto’). Como quer que sejam, nenhuma forma participial irregular é gerada a partir dessas nominalizações em ‘-da’, evidência de que há algo de particular a seu respeito. Propõe-se, a seguir, que isso seja devido a uma estrutura não participial, com um novo sufixo nominalizador ‘-da’, conforme a estrutura em (31) para essas

<sup>14</sup>Levanta-se a hipótese de que, em (8), o nome ‘mordida’ pode variar entre uma leitura de processo (assim como a das nominalizações em ‘-da’ no geral nessas CVLs, conforme apontou Scher (2004, p. 167)) e uma de resultado (que também parece disponível para nominalizações em ‘-da’, como em “excelente jogada dele”, “olha essa beliscada no meu braço” *etc.*). Quando a leitura for de resultado, o efeito diminutivo se perderia — o que seria independente da mudança no artigo, apenas ficando mais destacado no uso do definido. Evidência da leitura de resultado em (8-b) é a possibilidade de se acrescentar: “olha, dá até pra ver a marca dos dentes dela [na mordida]”, que esclarece a referência para o resultado da ação de morder, semelhantemente ao nome beliscada. É um assunto, enfim, que merece uma pesquisa própria, a fim de se justificar formalmente essa diferença de leitura (de evento para resultado) e a sua correlação com a (não-)diminutivização.

nominalizações<sup>15</sup>:

(31)



Essa estrutura tem duas particularidades principais. A primeira delas diz respeito a evitar a relação com os participípios, por meio da realização do sufixo ‘-da’ no núcleo nominalizador *n*, o que não é generalizável para as demais formações participiais (*i.e.*, tempos compostos e passivas) nas propostas de Medeiros (2008) e Matos (2022). Assim, não há contexto para a inserção dos itens de vocabulário irregulares, pois não se trata de uma formação participial, mas sim de um sufixo nominalizador *-da* (homófono à formação participial regular).

FLP 27(2)

Já a segunda particularidade deriva da primeira. Na estrutura de Medeiros (2008, 2010), está presente um núcleo de aspecto que porta um traço [PERFECTIVO]. Esse núcleo tinha tanto a função de possibilitar a unificação estrutural entre todos os tipos participiais quanto a função semântica de trazer determinada leitura de “eventos delimitados”, que as nominalizações em ‘-da’ apresentam. Essa leitura também é observada nas nominalizações correlatas do italiano, em ‘-ata’, sendo essa característica referida como ‘*boundedness*’ (Tovena; Donazzan, 2017). A estrutura em (31), porém, não apresenta nenhum núcleo aspectual. Ressalta-se, em primeiro lugar, que isso é motivado morfofonologicamente, pois visa justificar o motivo de não haver irregularidade participial nessas formações, o que é feito evitando a generalização estrutural de Medeiros (2008, 2010) (a qual, destaca-se, pode plenamente continuar se aplicando nas formações participiais).

Já com relação à impressão perfectiva dessas nominalizações, considera-se que as propriedades da estrutura por si mesmas sejam suficientes para explicar essa leitura particular. Vinculando-nos, por exemplo, à proposta de Panagiotidis (2015) no que se refere aos núcleos categorizadores, isso ocorreria pela interação entre os núcleos verbal e nominal de que essas nominalizações dispõem. O núcleo verbal estabelece,

<sup>15</sup>A estrutura em (31) está simplificada, com formas fonológicas apenas para auxiliar a compreensão da proposta. Haveria nós para a inserção da vogal temática verbal, das marcações de gênero e número *etc.*, mas isso não está no escopo do trabalho e não interfere na proposta.

primeiramente, uma perspectiva de extensão no tempo sobre o material da raiz. Em seguida, quando o núcleo nominal é concatenado, ele sobrepõe sua perspectiva de sortalidade (Panagiotidis, 2015, p. 84-86), a qual, particularmente na associação com o núcleo nominal de número (Panagiotidis, 2015, p. 88), leva a uma individuação do seu complemento; isto é, circunscreve-se a “extensão no tempo”. Dessa maneira, valendo-se somente das características da nominalização (sem propor nenhum núcleo a mais), explica-se tal impressão de aspecto perfectivo. Como indício de que núcleos categorizadores seriam capazes dessa circunscrição, observe-se (32), que traz um contraste entre nomes eventivos e o infinitivo verbal.

- (32) a. A **cirurgia** é difícil.  
b. **Operar** é difícil.  
c. A **festa** é boa.  
d. **Festejar** é bom.

Na proposta de Resende e Basso (2022), a estrutura dos nomes eventivos em (32-a)-(32-c) é de uma nominalização simples sobre uma raiz marcada para eventividade; ou seja, eventos que estruturalmente não portam um núcleo aspectual. Pela comparação dos sujeitos das sentenças em (32), observa-se como os nomes eventivos demonstram a mesma delimitação das nominalizações em ‘-da’, evidência de que não há necessidade de um núcleo aspectual, e de que o processo de nominalização sobre bases eventivas é responsável por essa impressão (nada obstante a origem da eventividade desses nomes ser diferente nas análises: a dos nomes eventivos provém de uma marcação na raiz, segundo Resende e Basso (2022); a das nominalizações em ‘-da’, do núcleo *v*, que, na proposta de Panagiotidis (2015), porta um traço [V] que impõe uma perspectiva de extensão no tempo para o seu complemento).

FLP 27(2)

Cabe destacar ainda que a estrutura proposta em (31) parte da consideração de que as nominalizações em ‘-da’ não são inerentemente diminutivas (conforme discutido na seção 3.1.1). Ainda assim, a proposta concerne ao efeito diminutivo no que diz respeito às características estruturais necessárias para que a diminutivização ocorra. A hipótese é a de que nomes como ‘beijo’ não levam a essa interpretação nas CVLs porque não têm uma fase verbal na sua estrutura (numa linha similar ao que propôs Alves (2016)). Já nomes como ‘queda’, mesmo que não sejam transparentemente deverbais, devem ter essa fase, visto que propiciam tal leitura. O próximo passo nessa investigação, portanto, envolveria uma pesquisa detida acerca das estruturas dos vários tipos de nomes complemento que ocorrem nessas CVLs: nomes em ‘-ção’ e ‘-mento’, casos de derivação regressiva (‘mergulho’), nominalizações históricas de participípios (como ‘vinda’; um caso sensível, dado a proposta não participial para a estrutura), nomes eventivos (como ‘queda’) *etc.*, testando a hipótese da presença e da necessidade dessa fase verbal.

Observa-se, por fim, que esses diversos nomes também não são inerentemente diminutivos. Isso serve como outra forte evidência de que é necessário levar em conta o estabelecimento da CVL (isto é, a relação dos nomes com o verbo ‘dar’) para se captar a produção do efeito diminutivo.

#### 4 PRINCÍPIOS PARA UMA NOVA PROPOSTA PARA AS CVLs DIMINUTIVAS

A partir da revisão da literatura, as seguintes propriedades das CVLs diminutivas com ‘dar’ acabaram descritas:

O nome complemento: (i) não é inerentemente diminutivo e (ii) indica a presença de uma fase verbal; mas são necessários mais estudos voltados para as estruturas da variedade de nomes complemento aceitos pelas CVLs diminutivas. Particularmente a respeito das nominalizações em ‘-da’, comprovou-se que elas não aceitam irregularidade participial. A partir disso, a estrutura em (31) para as nominalizações em ‘-da’ busca dar conta do conjunto dessas propriedades. Falta, porém, uma abordagem direta para a alternância em (8).

Já o artigo indefinido: (i) não parece importante para a interpretação diminutiva da CVL, de modo que (ii) pode ser alterado, dependendo apenas de fatores contextuais que permitam a referência definida — exatamente assim como ocorre com DPs, no geral.

Finalmente, o verbo ‘dar’ é o que resta com menos soluções no que se refere à formalização do seu papel estrutural na produção do efeito diminutivo. No entanto, certas observações feitas pela literatura parecem valiosas para se elaborar a explicação acerca disso.

Alves (2016) atentou para a diferença de aspecto lexical entre o verbo ‘dar’ e o verbo ‘fazer’ (o primeiro, INSTANTÂNEO, e o segundo, DURATIVO) possivelmente se correlacionando com a presença/ausência do efeito diminutivo. Não parece possível, porém, que esse verbo mantenha tal traço enquanto verbo leve, ao menos caso se adote a proposta de Duarte *et al.* (2010). Entretanto, cabe a observação de que, adotando-se uma abordagem para os verbos leves como a de Bruening (2016), que considera que verbos leves não são algo diverso, mas sim somente ocorrências dos verbos plenos em determinados contextos, começam a se elaborar alternativas, explorando-se o potencial explicativo dessa diferença entre os aspectos lexicais dos verbos plenos. Isso se soma à avaliação de Alves (2022) com relação ao verbo ‘fazer’, que já o considerava não um verbo leve verdadeiro, mas sim um verbo de ação vaga.

Entretanto, Alves (2022) traz essa caracterização do ‘fazer’ justamente em contraste com o verbo ‘dar’, o qual não parece ter correspondência semântica nas CVLs ao verbo ‘dar’ pleno. Além disso, o ‘dar’ leve também apresenta mudanças argumentais bastante significativas. Conforme descrito por Scher (2004), ‘dar’ leve esconde duas leituras possíveis: DO/CAUSE ou BECOME/HAPPEN, sendo guiado conforme a grade argumental prevista pelo seu complemento. O interesse no conjunto dessas observações diz respeito a quanto o verbo ‘dar’ fica vazio e dependente da nominalização. Essas são evidências que apontam para um estatuto do verbo ‘dar’ dessas construções como diverso do verbo pleno.

Finalmente, cabe retomar a observação de Medeiros (2008) de que, quer esse verbo seja assim esvaziado, os PPs das CVLs são introduzidos no nível de ‘dar’, e não no da nominalização (*i.e.*, não são de fato argumentos dela). O mesmo se observa para os sujeitos, conforme as duas leituras mencionadas logo acima.

O trabalho com esses dados, atento para essas características, deve alcançar

a justificativa para o efeito diminutivo observado nessas CVLs, que parece devido à relação entre os seus elementos — desde que esses elementos tenham determinadas características: da parte dos nomes complemento, isso parece envolver uma fase verbal; da parte do verbo ‘dar’, ainda faltam maiores explicações.

## 5 CONCLUSÕES

Este artigo revisitou quatro propostas para as CVLs com ‘dar’ que têm efeito diminutivo. A seleção das propostas foi feita tendo em vista o modelo gerativista da MD, atentando para a formalização da produção do tal efeito. Em suma, do conjunto de trabalhos apresentados, o principal que se observa é que, quer o efeito diminutivo de CVLs com ‘dar’ tenha repetidamente sido abordado nos trabalhos, nenhum deles justifica satisfatoriamente a sua produção considerando os seus limites e a sua extensão a partir dos elementos que a compõem. De fato, dar conta de todos os elementos envolvidos simultaneamente na produção do efeito diminutivo, formalizando também as restrições desse efeito, é um desafio em modelos como a MD, na qual os elementos acabam bastante isolados pela análise sintática.

A revisão dos trabalhos então avançou com a descrição acerca dessas construções. Particularmente acerca das nominalizações em ‘-da’, uma proposta foi apresentada, justificando o motivo de essas formações não apresentarem a irregularidade participial (por envolverem um novo sufixo nominalizador ‘-da’). Também acerca do papel do artigo indefinido para o efeito diminutivo, foram apresentados dados que indicam de forma sólida que o determinante não tem papel na produção da diminuição. Já quanto ao verbo leve, falta ainda uma proposta específica ao seu respeito, que justifique suas diferenças com o verbo pleno e, especialmente, seu papel na produção do efeito diminutivo.

Todo o conjunto de trabalhos aqui revisado, enfim, fornece uma base importante a partir da qual novas pesquisas podem se desenvolver, refinando o tratamento dos dados em questão. A revisão elaborada aqui permitiu sistematizar aspectos dessas CVLs que ainda necessitam de uma formalização em trabalhos futuros no modelo da MD.

## AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2024/05055-2, pela bolsa de Iniciação Científica, e à organização do *Nanodays Brazil: New Syntactic Pathways to Morphology*, tanto pelo evento quanto pelo cuidado com os artigos que resultaram dele.

## DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Os autores declaram que não foi feito uso de IA na redação do texto.

Recebido em Setembro 2025  
Publicado em Fevereiro 2026

## REFERÊNCIAS

ALVES, D. A. **Construções de verbo leve: o elemento nominal e a leitura final**. 2016. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) — Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2016.

ALVES, D. A. **Construções com os verbos leves dar e fazer: classe única? Uma análise sintático-semântica à luz da morfologia distribuída**. 2022. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) — Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2022.

BRUENING, B. Light verbs are just regular verbs. **U. Penn Working Papers in Linguistics**, Philadelphia, v. 22, n. 1, p. 52–60, 2016.

BRUENING, B. The lexicalist hypothesis: both wrong and superfluous. **Language**, Maryland, v. 94, n. 1, p. 1–42, 2018.

CABRAL, V. V. **Dar uma abrida: regularidade e irregularidade nas nominalizações das construções com o verbo leve 'dar'**. Relatório (Processo FAPESP nº 2024/05055-2). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2025. [Trabalho não publicado].

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001.

DAVEL, A. da P. C. **Um estudo sobre o verbo-suporte na construção DAR + SN**. 2009. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

DAVEL, A. da P. C. **As construções denominal e deverbal [DAR UMA X-(A)DA (SPREP)] numa perspectiva dos Modelos Baseados no Uso**. 2019. 179 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

DIESING, M. Light verbs and the syntax of aspect in Yiddish. **The Journal of Comparative Germanic Linguistics**, s.l., v. 1, p. 119–156, 1998.

DIXON, R. M. W. Give a verb, have a verb and take a verb constructions. *In*: DIXON, R. M. W. **A Semantic Approach to English Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 459-483.

FIGUEIREDO, C.; REIS, R.; ALVES, D.; FERREIRA, C. E. Sobre nominalizações em -mento e aspecto lexical. **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, s.l., n. 47, p. 47-67, 2013.

HEIN, J.; WEISSER, P. Syncretism. *In*: ACKEMA, P. *et al.* (Orgs.) **The Wiley Blackwell Companion to Morphology**. Malden: Wiley-Blackwell, 2023.

LIMA, C. H. da R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

LIZ, L. L. de. Uma análise aspectual da construção “dar uma X- (a)da”. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem ReVEL**, s.l., v. 5, n. 8, 2007.

MATOS, K. C. V. de. **Uma abordagem sintática da estrutura interna dos participípios do português brasileiro: passivas e tempos compostos**. 2022. 109 p.

Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

MEDEIROS, A. B. de. **Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais.** 2008. 299 p. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MEDEIROS, A. B. de. Aspecto e Estrutura de Evento nas Nominalizações do Português do Brasil: Revendo o Caso das Nominalizações em -ada. **Revista Letras**, Curitiba, n. 81, p. 99-122, maio/ago 2010.

PANAGIOTIDIS, P. **Categorial Features: A Generative Theory of Word Class Categories.** Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

RESENDE, M. S. **A Morfologia Distribuída e as peças da nominalização: morfofonologia, morfossintaxe, morfossemântica.** 2020. 287 p. Tese (Doutorado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas.

RESENDE, M.; BASSO, R. Semântica de eventos no domínio nominal: diferenças e semelhanças entre nominalizações e nomes que denotam eventos. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 1-22, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1129320>. Acesso em: 16 maio 2025.

SAID ALI, M. **Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa.** 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

SOUZA, D. M. de; ARMELIN, P. R. G. A interface morfologia-sintaxe: uma proposta de estrutura para as nominalizações infinitivas no Português Brasileiro. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 139-164, jan./abr. 2022.

SCHER, A. P. **As Construções com o verbo leve dar e nominalizações em -ada no português do Brasil.** 2004. 232 p. Tese (Doutorado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2004.

SCHER, A. P. As categorias aspectuais e a formação de construções com o verbo leve dar. **Revista do GEL**, Araraquara, v. 2, p. 9-37, 2005.

SCHER, A. P.; BASSANI, I. de S.; ARMELIN, P. R. G. (Orgs.). **Manual de Morfologia Distribuída.** [s.l.]: Editora da Abralín, 2023. Disponível em: <https://editora.abralin.org/publicacoes/manual-de-morfologia-distribuida/>. Acesso em: 03 abr. 2025.

TOVENA, L. M.; DONAZZAN, M.. Italian -ata event nouns and the nomen vicis interpretation. **Italian Journal of Linguistics**, v. 29, n. 1, p. 75-100, 2017.

FLP 27(2)